

# Boa Nova para cada dia / maio 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

**Tempo Pascal** – Ascensão do Senhor / Pentecostes

**Tempo Comum** – Santíssima Trindade / Corpo de Deus

## Dom, 1 – DOMINGO VI DA PÁSCOA – Ano C / Dia da Mãe

At 15, 1-2.22-29 / Slm 66 (67), 2-3.5-6.8 / Ap 21, 10-14.22-23 / Jo 14, 23-29

«Quem Me ama guardará a minha palavra e o meu Pai o amará». Tantas vezes repete Jesus estas palavras aos seus amigos. Ele diz que estará sempre connosco, que não nos deixa sozinhos, que nos envia o Espírito Santo que é Amor. Na verdade, amar Jesus, amar o Senhor é o núcleo e a plenitude da vida de cada cristão. É o cumprimento de todos os preceitos da Lei de Deus. Mas o que significa isto no concreto da nossa vida de cada dia?

Amá-Lo significa viver como Ele, «guardar a sua palavra», e isto, no concreto da nossa vida, significa amarmo-nos uns aos outros. Quem ama torna-se templo do Espírito Santo: diz-nos Jesus que Ele virá morar em cada um de nós, que somos nós a morada de Deus. O Pai e o Filho habitam naquele que vive amando. Por isso, o lugar que Jesus nos prepara somos nós mesmos, que, amando, nos tornamos sua morada.

Nós sabemos que é o amor a plenitude da perfeição cristã. Disso não temos dúvidas, mas muitas vezes não é fácil perceber o que isso significa. É só uma frase bonita? Uma metáfora? Diz S. João Clímaco: «Quem fala de amor, fala de Deus porque “Deus é amor”. É uma coisa arriscada falar de amor para quem não medita suficientemente. Falar do amor é só possível aos anjos». Continuando a sua reflexão, ele acrescenta que quem pensa que sabe o que significa dizer que Deus é amor é como um cego, num barco, que tenta explicar a extensão da areia do mar.

Amar é dar a vida pelos amigos, diz o Senhor, mas acrescenta: amai os vossos inimigos. É aqui que o amor cristão se torna verdadeiramente divino. Amar os amigos, em certa medida, significa amar-se a si mesmo: amamos os nossos familiares, os nossos amigos, os nossos conterrâneos... De facto, este era já um

mandamento do Antigo Testamento: amar o povo de Deus ao qual se pertencia. É, na prática, amar-se a si mesmo alargando um pouco o círculo do que significa «si mesmo»... E Cristo alarga este círculo do significado de «si mesmo», de povo de Deus, a toda a humanidade. N'Ele somos um só povo. Todos!

Os Israelitas acreditavam que aquilo que os unia, aquilo que fazia deles uma família era serem guiados por um só Deus, cujo templo estava em Jerusalém. Diz-nos S. Paulo que o Senhor faz do coração de cada homem e de cada mulher o Templo de Deus, morada do Espírito Santo. Assim, Ele mesmo

faz parte de cada um de nós, da nossa realidade: amarmo-nos a nós mesmos significa então amar contemporaneamente a Deus!

Quem ama a Deus, ama tudo aquilo que Deus ama e sabemos que Deus ama cada um de nós como se não houvesse mais ninguém à face da terra. Sabemos que o seu amor se estende a cada homem e a cada mulher. Então, somos chamados a Amar universalmente e isto significa que somos chamados também a amarmo-nos a nós mesmos: o Evangelho convida-nos a amar o próximo «como» a nós mesmos e não «em vez» de nós mesmos!

## **Seg, 2 – SANTO ATANÁSIO (Memória)**

At 16, 11-15 / Slm 149, 1-6a.9b / Jo 15, 26 – 16, 4a

*Disse-vos estas palavras para não sucumbirdes. (Evang.)*

O ideal de toda (?) a gente é nunca sucumbir à tentação. Ora isto é o caminho para uma frustração constante. Qualquer hábito não passa de repente. Qualquer aprendizagem não se faz sem erros. Em matéria espiritual, não é diferente. E muitas vezes precisamos de quem nos ensine. (Não temos quem nos ensine ou aconselhe nos outros campos da nossa vida?) Caríssimo leitor, reze sobre isto.

## **Ter, 3 – S. FILIPE E S. TIAGO, APÓSTOLOS (Festa)**

1 Cor 15, 1-8 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Jo 14, 6-14

*Eu estou no Pai e o Pai está em Mim. (Evang.)*

Note-se que Jesus não diz que faz companhia ao Pai mas que está «no», que está dentro do Pai e o Pai «em Mim» e o Pai dentro d'Ele. Isto é fundamental para percebermos o que Jesus nos dirá em

S. João: «quero que onde Eu estou estejam também comigo». Jesus quer que onde está nós também estejamos. Estando Jesus dentro do Pai, quer que nós também estejamos dentro do Pai. Só que nós temos que querer. Com obras. Que não podem ser ocasionais.

## **Qua, 4 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL**

At 17, 15.22 – 18, 1 / Slm 148, 1-2.11-14 / Jo 16, 12-15

*[O Espírito Santo] receberá do que é meu e vos há de anunciá-lo. (Evang.)*

Através do Espírito Santo, vamos recebendo «todo o Pai» que Jesus nos envia e que nos dispomos a receber. Temos nós consciência que podemos receber cada vez mais o que é do Pai? O leitor dispõe-se a isto? Isto interessa-lhe de facto? Caro leitor, medite muito nisto. Receber o que é de Deus – receber Deus! – não é comum. Enquanto isto não lhe fizer impressão, não passe daqui.

## **Qui, 5 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL / Rogações**

At 18, 1-8 / Slm 97 (98), 1-4 / Jo 16, 16-20

*Daqui a pouco já não Me vereis e pouco depois voltareis a ver-Me. (Evang.)*

Nosso Senhor referia-Se à sua morte e ressurreição. Consoante as circunstâncias do outro, podemos percorrer esse caminho de morte de Jesus no coração do outro, ajudando-o a estar atento aos sinais de que se aproxima o dia da vinda definitiva (para cada um de nós) do Filho de Deus. Mas para isso temos que ter a nossa experiência. Como é que vai a experiência do leitor?

## **Sex, 6 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL / 1ª SEXTA-FEIRA**

At 18, 9-18 / Slm 46 (47), 2-7 / Jo 16, 20-23a

*E ninguém vos poderá tirar a vossa alegria. (Evang.)*

Temos aqui um texto de um profundo apaziguamento depois da descrição das «dores de parto» que os apóstolos terão que sofrer. Mas também é para nós. Uma vez bem enraizados em Cristo, ninguém nos poderá tirar essa alegria. É uma alegria funda, mais funda que as alegrias ou tristezas do dia a dia, uma espécie de veio de água que corre no subsolo, indiferente à maior ou menor secura que vai «lá por cima». Reze isso, leitor.

## **Sáb, 7 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL / 1º SÁBADO**

At 18, 23-28 / Slm 46 (47), 2-3.8-10 / Jo 16, 23b-28

*Para que a vossa alegria seja completa. (Evang.)*

O que é que isto significará? A alegria completa dá-se quando estamos rodeados de amor, quando não nos falta o essencial e os pequeninos supérfluos. E, claro, quando Deus atende todos os nossos pedidos. Mas Jesus acrescenta umas palavras que estragam tudo: «pedir em seu Nome». Para a nossa alegria ser completa temos que estar na sua onda. Lá se vai o conforto! No entanto, enquanto não sentirmos uma alegria em estar na mesma onda de Jesus, estaremos sempre a lutar por uma felicidade impossível.

## **Dom, 8 – ASCENSÃO DO SENHOR (Solenidade) – Ano C**

**Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social**

At 1, 1-11 / Slm 46 (47), 2-3.6-9 / Ef 1, 17-23 / Lc 24, 46-53

S. Lucas narra o episódio da Ascensão duas vezes: como conclusão do Evangelho e, depois, como abertura do livro dos Atos dos Apóstolos. Este acontecimento é de tal maneira importante que se torna numa charneira entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. A Ascensão assinala simultaneamente a última aparição de Cristo ressuscitado e o seu modo definitivo de ser entre nós até ao fim dos tempos.

Jesus subiu aos Céus. E agora? Qual é a sua relação conosco? Sabemos que entre os Céus e a terra há uma fronteira intransponível e que não está nas nossas capacidades elevarmo-nos a nós mesmos até

aos Céus. Mas Jesus, tendo sido elevado aos Céus, ultrapassou e fechou este abismo que nos separava. N'Ele, e só n'Ele, os Céus e a terra estão definitivamente unidos num abraço até ao fim dos tempos.

Jesus, enquanto era elevado, abençoou-nos a todos e garantiu-nos a sua presença em todos os dias da nossa vida, até ao cumprimento definitivo da história. Vemos como nos Atos dos Apóstolos se diz que uma nuvem O escondeu e que Ele desapareceu do olhar dos discípulos. Já não O viam. É assim a sua presença na Igreja e em nós através dos sacramentos. Sabemos que Ele continua no meio de nós, mas não O vemos com os nos-

sos olhos. Acreditamos na sua presença! A Igreja é constituída por homens e mulheres de todo o mundo e de todos os tempos, que podemos conhecer e ver, e é também o corpo d'Aquele que subiu ao Céu.

A Ascensão é o sinal do cumprimento definitivo do dia sem ocaço da Páscoa. O regresso do Filho ao Pai assinala a plenitude do sentido do mistério pascal e também de toda a criação. São abertas definitivamente as portas do «oitavo dia». Sabemos que agora, a partir deste momento, o Senhor nunca mais Se afastará dos seus. Estará sempre ao nosso lado, como com os discípulos de Emaús. A sua presença já não está limitada pelo corpo físico, já não está circunscrita no espaço e no tempo, mas acompanha cada um de nós, onde quer que estejamos, em cada dia da nossa vida.

Temos a certeza da sua bênção contínua. Na sua despedida, Ele refere as dores por que

passou para nos recordar que a vida entregue por amor inclui sempre sofrimentos e dores, mas que não são nem o sofrimento nem a dor que têm a palavra definitiva. A Palavra definitiva é Ele! É Cristo a cabeça do corpo que somos todos nós. E por onde passa a cabeça, passará todo o corpo.

Pede S. Paulo, na segunda leitura, que o Pai nos conceda um espírito de sabedoria e de revelação para O conhecermos plenamente. Pede ainda que Deus ilumine os olhos do nosso coração para compreendermos a esperança a que fomos chamados. É Jesus, subindo ao Céu, que nos manifesta plenamente o mistério da nossa realidade: podemos finalmente perceber que o desejo profundo que trazemos no coração de sermos como Ele e de vencermos a morte não é um sonho proibido, como diz a serpente a Eva no livro do Génesis, mas é exatamente o dom que Ele nos quer dar.

## **Seg, 9 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL**

At 19, 1-8 / Slm 67 (68), 2-7 / Jo 16, 29-33

*Eis que vem a hora, e já chegou, em que sereis espalhados cada um para seu lado, e Me deixareis só. (Evang.)*

Será possível durante o dia nunca deixarmos Jesus só? Se neste e naquele campo estão sempre a acontecer coisas que antes pareciam impossíveis, porque não nisto? Para já, o que temos a fazer é tentar. Tentar estar com Jesus ao longo do dia e esperar

pelo dia em que começemos, de uma maneira sistemática, a investigar e a aprender. Por exemplo, um truque: uns *post it* aqui e ali. Uns lembretes no telemóvel. Pense nisso.

## **Ter, 10 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL**

At 20, 17-27 / Slm 67 (68), 10-11.20-21 / Jo 17, 1-11a

*Eram teus e Tu Mos deste. (Evang.)*

Temos nós consciência que Deus nos dá pessoas para cuidar? Numa fila do supermercado. Eu tenho vinte produtos. Atrás de mim, uma pessoa só com uma cerveja. Será que a podia deixar passar? A menina da caixa está agressiva. Será que consigo não ser? (Sabe que muitas estão proibidas de se sentarem durante as quatro, cinco, seis horas que estão a atender os clientes? E que elas também sentem dores? E que têm que fazer boa cara a todos os clientes mal educados que lhes passam pela frente?)

## **Qua, 11 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL**

At 20, 28-38 / Slm 67 (68), 29-30.33-36 / Jo 17, 11b-19

*Para que eles tenham em si mesmos a plenitude da minha alegria. (Evang.)*

Não parece assim uma grande alegria esta de viver relativamente pobre, ser carpinteiro, fazer milagres e pregar, andar fugido às autoridades e acabar numa cruz. Parece, mesmo, uma grande tragédia. Com Jesus é preciso escavar para encontrarmos o tesouro. A alegria de Jesus não é como o mundo a dá. É uma alegria debaixo da dor e do prazer, independente do sucesso e do fracasso. É a alegria de amarmos. É a alegria de anteciparmos a vida eterna, que é amar sem fim.

## **Qui, 12 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL**

At 22, 30; 23, 6-11 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-11 / Jo 17, 20-26

*Para que o amor com que Me amaste esteja neles. (Evang.)*

Então como é que não sentimos, como é que não nos sentimos cheios de amor, abrasados, inflamados, a arder por dentro? Nada nos indica que o amor do Pai por Jesus se tenha manifestado assim.

O que sabemos é que, quanto mais amarmos, mais sentiremos esse amor. (E às vezes não sentiremos nada, porque Deus não quer que O amemos esperando ter alguma coisa em troca.)

## **Sex, 13** – NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (Festa)

At 21, 1-5a / Jud 13, 18bcde.19-20a.20c / Lc 11, 27-28

*Felizes os que escutam a palavra de Deus. (Evang.)*

A lógica da mulher que fala, neste Evangelho, é a nossa lógica: quando vemos alguém que admiramos, achamos que os seus familiares são pessoas felizes, por terem um parente assim. A lógica de Jesus é outra. A verdadeira felicidade é trazer Deus para a nossa vida e a vida dos outros. Claro que podemos admirar alguém e achar que os seus parentes podem sentir alegria (esperemos que não sintam inveja). Mas tudo isso passa. O que fica mesmo é a palavra de Deus. Nossa Senhora escutou a palavra de Deus e foi verdadeiramente feliz.

## **Sáb, 14** – S. MATIAS, APÓSTOLO (Festa)

At 1, 15-17.20-26 / Slm 112 (113), 1-8 / Jo 15, 9-17

*Assim como o Pai Me amou também Eu vos amei. (Evang.)*

Jesus ama-nos da mesma maneira que o Pai O ama. Nesse caso, podemos perceber como é que o Pai O ama vendo como é que Ele nos ama. Assim, podemos ver como é que o Pai nos ama porque Jesus ama-nos como o Pai nos ama. Depois, podemos desenvolver o nosso próprio conhecimento do amor do Pai, a nossa própria relação, ganhar asas e aterrar no colo do Pai. (O leitor gosta de voar?)

## **Dom, 15** – PENTECOSTES (Solenidade) – Ano C

At 2, 1-11 / Slm 103 (104), 1ab.24ac.29bc-31.34 / 1 Cor 12, 3b-7.12-13 / Jo 20, 19-23

Jesus, cumprindo plenamente a sua vida, envia-nos dizendo: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». O Senhor, elevado ao Céu, dá-nos

o seu Espírito Santo para que continuemos a sua missão: sermos testemunhas do amor do seu Pai e nosso Pai.

S. João tece o seu Evangelho

com uma série de antecipações e cumprimentos daquilo que acontece. Tal como na nossa vida, muitas coisas que acontecem num dia frutificam num outro e só assim revelam o seu sentido. S. João coloca o Pentecostes no mesmo dia da Páscoa: este é «o dia», o grande dia da nossa salvação, é o dia em que Cristo vence definitivamente a morte, o «hoje» eterno de Deus.

Na descida do Espírito Santo, Cristo sopra sobre os discípulos ali reunidos, tal como no início da criação, no livro do Génesis, Deus sopra e cria o Homem. Agora, em Cristo ressuscitado, somos a nova humanidade levada ao pleno cumprimento. A criação é realizada definitivamente como redenção e o protagonista da nova humanidade é o Espírito Santo oferecido como dom. A glória do «Filho do Homem» é transmitida como oferta a todos nós reunidos em Cristo.

É curioso que a nova criação aconteça quando o Senhor dá a missão aos discípulos, enviando-os. E como se realiza este envio? A vida nova que recebemos, que nos é dada, aparece no contexto da missão e esta não é diferente daquela de Cristo. Somos chamados a testemunhar o Pai, a testemunhar a Verdade que é o Amor: somos chamados a ser filhos e filhas do Pai.

A nossa missão não está em

fazer coisas, mas naquilo que somos! Não é ao nível do fazer mas do ser! Isto significa que somos enviados a ser filhos de Deus no Filho, no seu Espírito Santo. Os discípulos estão fechados em casa e têm medo de sair. A força para saírem dali não está neles, mas no Espírito Santo. Quando Cristo nos diz «não temais» não nos está a dizer necessariamente que temos de ser mais corajosos e que devemos ser menos medrosos, mas que temos uma vida nova que é a mesma vida do Filho.

A nossa condição de batizados é a condição de Filhos de Deus, habitados pelo Espírito Santo. É Cristo que entra nos nossos sepulcros, onde estamos escondidos com medo, e nos mostra o seu lado ferido, as suas mãos e os seus pés. Não faz longos discursos, mas mostra os sinais do Amor. Mostra-nos como venceu a morte e como está realmente no meio de nós e como nunca nos abandona.

É o Espírito Santo, o Espírito de Cristo ressuscitado que nos faz capazes de viver como filhos, como irmãos, vencendo o mal com o bem (*Rom 12, 21*). Não é o nosso esforço individual. Vemos no Evangelho de hoje que a nossa missão, a missão de cada cristão, de cada um dos filhos e filhas de Deus, consiste, na prá-



tica, em perdoar os pecados. É perdoando os nossos irmãos que realizamos, já nesta terra, o amor do Pai, porque Ele é misericórdia, é perdão. Nós, que somos a Igreja, continuamos a missão de Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mun-

do e se, como diz Jesus a Nicodemos, nascemos do Alto, do Espírito Santo, então emerge em nós uma humanidade redimida transparente ao Amor, brota da nossa vida uma humanidade filial, que faz com que o Pai seja reconhecido na nossa vida.

## TEMPO COMUM

### **Seg, 16** – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 3, 13-18 / Slm 18 B (19 B), 8-10.15 / Mc 9, 14-29

*O menino ficou como morto (...) mas Jesus levantou-o... (Evang.)*

«Como morto». Tal como quando somos anestesiados para uma operação. É uma morte para nosso bem. (É suposto.) Espiritualmente, é sempre. E é Jesus que nos levanta. Mas só nos levanta se morrermos. Podemos morrer aos poucos ou depressa. Daí vem uma vida mais cheia, sem aquela doença. Mas temos que saber qual é e querer acabar com ela. E Jesus é o cirurgião. Falemos com Ele.

### **Ter, 17** – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 4, 1-10 / Slm 54 (55), 7-12a.23 / Mc 9, 30-37

*Tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior. (Evang.)*

É uma «discussão» inevitável na nossa vida. Um pensamento entranhado, enraizado. Comparamo-nos sempre. Uma pessoa diferente é sempre comparada. Desde um génio a um mentecapto. De uma Afrodite a um «horror e aborto da brava natureza». De uma pessoa «muito envolvida na Igreja» a uma que não vai à Missa. Há que rezar. Rezar pelos nossos irmãos. Rezar pela conversão do nosso coração.

### **Qua, 18** – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 4, 13-17 / Slm 48 (49), 2-3.6-11 / Mc 9, 38-40

*Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Eles não são do mundo. (Evang.)*

É difícilimo andarmos no mundo sem nos misturarmos com o mal. Para S. João, o «mundo» é a área do pecado. Precisamos de toda a graça de Deus que possamos conseguir. E não a conseguimos esperando sentados. A graça de Deus recebe-se amando. Amando cada vez mais. Não é estagnando. (É amando que estamos em comunhão com Deus.) E na oração, que faz parte do amor a Deus e aos irmãos.

## **Qui, 19 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Tg 5, 1-6 / Slm 48 (49), 14-20 / Mc 9, 41-50

*Quem vos der a beber (...) por serdes de Cristo. (Evang.)*

Sendo todos nós de Cristo, seremos recompensados por saciarmos a sede uns dos outros. E essa recompensa é uma semelhança cada vez maior com Deus que é amor. Semelhança que nos vai conduzindo à união com Ele. Mas para essa união também é fundamental a inspiração que nos vem do convívio com Deus. O mesmo é dizer, da oração...

## **Sex, 20 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Tg 5, 9-12 / Slm 102 (103), 1-4.8-9.11-12 / Mc 10, 1-12

*Foi por causa da dureza do vosso coração que ele vos deixou essa lei. (Evang.)*

Quanto mais duro estiver o nosso coração, de mais leis precisamos. E ainda precisamos de uma lei que nos imponha a lei. E o seu cumprimento? Se hoje não consegui, depois não consegui, daí a uma semana não consegui, desisto? Acho que não sou capaz? Já fiz tudo o que podia? Às vezes, o primeiro passo é lembrar-me da lei. É arranjar truques para me lembrar. Como é que faço para me lembrar do que não me quero (mesmo) esquecer?

## **Sáb, 21 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Tg 5, 13-20 / Slm 140 (141), 1-3.8 / Mc 10, 13-16

*Quem não acolher o reino de Deus como uma criança... (Evang.)*

Uma criança acolhe de coração aberto. Então, se acolhermos o reino dos Céus com um pé à frente e outro atrás, não entramos lá? Repare, se quando pensa no reino de Deus fica triste e

preocupado é porque ou está muito doente, e aí a solução é só uma, ou não sabe o que é o reino de Deus, ou o seu coração não sabe o que é o reino de Deus. E aí, o melhor é perguntar a Deus.

## **Dom, 22 – SANTÍSSIMA TRINDADE (Solenidade) – Ano C**

Prov 8, 22-31 / Slm 8, 4-9 / Rom 5, 1-5 / Jo 16, 12-15

Com o regresso de Jesus ao Pai, a sua missão entre nós está inteiramente cumprida. Os discípulos estão tristes porque Jesus parte. Ele conforta-nos dizendo que é bom para nós que Ele parta, porque assim virá o «Consolador». Jesus, neste Evangelho, insiste no tema central da Última Ceia: a sua partida não é uma derrota, um falhanço, mas o cumprimento, o levar à plena realização a sua missão. Ao seu regresso ao Pai corresponde, para nós, o dom do seu Espírito. Esta é a novidade da sua presença: se antes Ele estava «conosco», agora está «em» nós, habitando o nosso íntimo como o Consolador. A sua partida é o afastamento necessário para que se possa realizar em nós a nossa filiação divina, é o espaço para o nosso «nascer para o Alto» e crescer n'Ele.

Jesus, enviando o seu Espírito, o Consolador, faz com que a nossa vida de discípulos tenha um valor «escatológico», isto é, de sabor «definitivo»: a vida eterna é já aqui e agora, não começa num futuro mais ou

menos incerto. A vida eterna manifesta-se porque vivemos como filhos de Deus numa comunidade de irmãos e irmãs: a Igreja. Esta nossa vida de filhos tem ainda um valor «apocalíptico»: isto significa que a nossa vivência fraterna revela Deus e, revelando-O, a nossa vida doa, ela mesma, a vida do Filho a quem O quiser acolher.

S. Paulo afirma hoje que é o Espírito Santo quem nos diz que Deus é Amor, mas não o faz por palavras. Ele comunica-Se como experiência na vida. É o Espírito Santo que, estando nos nossos corações, manifesta em nós o Amor de Deus. Para Paulo, a experiência de Deus na nossa vida é a experiência do Amor e esta dá-se graças ao Espírito Santo. É experimentando o Amor de Deus que a nossa vida cresce na confiança: não basta estudar coisas e saber muita doutrina! É necessário experimentar o amor misericordioso de Deus que perdoa sempre no concreto da nossa vida. Só então podemos perceber que amar não é um imperativo éti-

co ou moral, não é uma regra nova, não é mais um mandamento para cumprir, mas é a vida nova dos filhos de Deus, a manifestação de que somos habitados pela vida divina.

E qual é essa vida? É a vida da Santíssima Trindade e esta é a comunhão entre as pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo. O nosso Deus é comunhão! A sua vida é Comunhão. O dogma cristão da Santíssima Trindade faz-nos mergulhar na nossa vida concreta e descobrir que o

amor não é um mandamento moral para cumprirmos, mas antes é a comunhão de vida à qual somos todos chamados. Esta só pode ser vivida em comunidade porque é exatamente a vida de Deus que é infundida nos nossos corações.

O sentido da nossa vida é fazer com que a comunhão entre nós, isto é, a nossa vida de irmãos e irmãs unidos no mesmo Senhor, manifeste ao mundo a vida da Santíssima Trindade. Não por palavras, mas vida manifestada.

## **Seg, 23 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

1 Pedro 1, 3-9 / Slm 110 (111), 1-2.5-6.9.10c / Mc 10, 17-27

*Falta-te uma coisa. (Evang.)*

Jesus diz que aos ricos é muito difícil entrar no reino dos Céus. Porque quem está agarrado a qualquer coisa que para si tem mais valor que o Reino não é suficientemente pobre para sentir falta dele. Ora, o nosso raciocínio devia ser assim: vemos quando é que estamos a enriquecer. Quando começamos a deixar de sentir a falta das coisas do Reino, estamos a enriquecer; há alguma coisa que é preciso vender.

## **Ter, 24 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

1 Pedro 1, 10-16 / Slm 97 (98), 1-4 / Mc 10, 28-31

*Receberá cem vezes mais. (Evang.)*

O que acho interessante é o começo do texto. Pedro chama a atenção de Jesus. «Nós» deixámos tudo para Te seguir. Parece-me estar implícito: «e agora, que recompensa é que vamos ter?». Será que nós ainda estamos à espera de benesses, de vantagens sobre as outras pessoas por sermos cristãos? Ou, por sermos cristãos, procuramos vantagens para os outros? (Isto está muito espalhado. Muitíssimo. Bem perto de nós. Colado.)

## **Qua, 25 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

1 Pedro 1, 18-25 / Slm 147, 12-15.19-20 / Mc 10, 32-45

... e dar-Lhe a morte. (Evang.)

Neste trecho do Evangelho de S. Marcos, Jesus diz que vai ser preso, escarnecido, cuspido, açoitado e morto. A cena é um espanto. Ninguém parece preocupado com Jesus. Face à morte de Jesus, cada um olha para o respetivo umbigo. Felizmente não estávamos lá! O pior é que estávamos. Quando alguém precisa de nós e dizemos: «Que chatice». Ou: «O que é que este quer agora?» (E lá não seríamos diferentes dos outros).

## **Qui, 26 – CORPO DE DEUS (Solenidade) – Ano C**

Gen 14, 18-20 / Slm 109 (110), 1-4 / 1 Cor 11, 23-26 / Lc 9, 11b-17

Hoje a Igreja celebra o Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor, a festa do mistério da Eucaristia, e a liturgia oferece-nos o texto da multiplicação dos pães. Porquê?

S. Paulo, escrevendo aos cristãos de Corinto, na segunda leitura, oferece-nos o relato mais antigo que temos da instituição da Eucaristia. Ele apercebeu-se que nesta cidade a Eucaristia era celebrada no meio de grandes excessos e com uma divisão de classes entre pobres e ricos. Como a celebração incluía uma refeição e cada um comia do que trazia, os ricos comiam abundantemente, ficando saciados, e os pobres passavam fome. Este comportamento refletia uma relação individualista que os cristãos de Corinto tinham com Deus,

prescindindo do bem uns dos outros. Paulo insurge-se com esta situação injusta e relata o modo e as palavras com que Jesus instituiu a Eucaristia.

Jesus, sabendo que a hora de passar para o Pai tinha chegado, decide deixar um gesto que resume e identifica toda a sua vida. E como resumir toda a sua vida? Todos os gestos, a ternura, o amor... Então, na última ceia, toma o pão, parte-o e distribui-o por todos, como seu corpo repartido por todos. Este gesto diz-nos que a sua existência é um dom para todos: cada gesto seu na sua vida terrena foi um oferecimento daquilo que era.

Paulo mostra assim aos Coríntios como é hipócrita celebrar a ceia do Senhor, o seu corpo e sangue, fomentando discórdias e desigualdades. As palavras

«por vós» ditas por Jesus são para nós um convite para que combatamos dentro de nós cada resquício de uma relação individual com Jesus. A «fração do Pão» não é de caráter individual, mas eclesial: é sempre a oração de uma comunidade que celebra junta a entrega do Senhor.

O Evangelho de hoje recorda-nos os gestos de Jesus num outro contexto. Vemos como Jesus recebe e acolhe uma multidão em que todos são bem vindos e ninguém é excluído. Vemos os seus gestos que partem e reparam o pão e o distribuem até que todos fiquem saciados. O partir do pão é revelação do seu amor por cada homem e cada mulher.

O ato de repartir o pão é um

sinal claro do seu amor por nós: recordando-O, tendo-O presente no nosso coração, deixamo-nos interpelar por Ele e somos chamados a responder a este seu amor. Vemos como são os discípulos que distribuem o pão por todos: somos nós, cada um de nós, que uma vez alimentados pelo Corpo e pelo Sangue do Senhor somos transformados naquilo que Ele é. A nossa verdade, a nossa realidade manifesta-se na Eucaristia, comendo do Pão e bebendo do Vinho feitos Corpo e Sangue do Senhor. Assim somos convidados a levar aos nossos irmãos este Pão e este Vinho, até que todos fiquem saciados.

## **Sex, 27 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

1 Pedro 4, 7-13 / Slm 95 (96), 10-13 / Mc 11, 11-26

*Nunca mais alguém coma do teu fruto. (Evang.)*

Jesus vai colher figos a uma figueira sem eles porque ainda não era o tempo deles. Então, não vendo figos, amaldiçoa a figueira. (Temos aqui um Jesus pouco ecológico.) Se aplicarmos o texto a nós, percebemos que não temos época própria para dar figos. Temos que dar figos sempre ou seremos amaldiçoados. Se formos surdos à palavra de Jesus, o nosso coração secará. Será que o leitor ouve bem?

## **Sáb, 28 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

Judas 17.20b-25 / Slm 62 (63), 2-6 / Mc 11, 27-33

*Construí o vosso edifício espiritual sobre o fundamento da vossa fé. (1ª Leit.)*

E não nos devemos assustar com as crises de fé. Estas implicam amadurecimento. E implicam uma fidelidade dolorosa enquanto existirem. (E estas podem durar muito tempo.) O leitor já terá reparado que a fé pode ser muito provada mas que a alma do leitor sairá mais fortalecida.

## **Dom, 29 – DOMINGO IX DO TEMPO COMUM – Ano C**

1 Reis 8, 41-43/ Slm 116 (117), 1,2 / Gal 1, 1-2.6-10 / Lc 7, 1-10

«Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo». Estas palavras do centurião, que o Evangelho de hoje nos recorda, permaneceram na tradição da Igreja como expressão clara da humildade e da fé cristã e por isso as repetimos a cada Eucaristia, antes da comunhão.

Vale a pena recordar que são palavras proferidas por um não-cristão, um não-hebreu, enfim, é um pagão aquele que nos serve de exemplo de humildade e de fé. Na Grécia antiga dizia-se que a virtude estava no meio de dois vícios. O homem virtuoso seria aquele que encontra em si a medida justa entre dois extremos; mas será mesmo assim? Para nós, a virtude não está entre dois vícios, mas está em Cristo. É Ele o modelo do nosso agir. É Ele Quem nos diz «aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29). É Jesus Quem nos indica o caminho da humildade, Ele que não conserva para Si nenhum direi-

to especial e está pronto para seguir a vontade do Pai até às últimas consequências.

Santo Agostinho dizia que esta é uma virtude tipicamente cristã e não nutre especial simpatia pela «justa medida»: na verdade, nós não somos qualquer coisa entre o pequeno e o grande, mas somos as duas coisas contemporaneamente. Agostinho compara o homem a uma árvore que cresce em direção ao céu: quanto mais crescer em altura, mais terá de meter as suas raízes na profundidade da terra. A humildade cristã não pretende fazer de nós pessoas deprimidas e tristes, mas antes recordar que somos chamados a uma coisa grandiosa: somos filhos de Deus e é n'Ele que temos a nossa morada definitiva. Somos chamados a crescer em direção ao Alto com raízes bem firmes.

A nossa grandiosidade de sermos filhos no Filho de Deus não nos pode fazer esquecer a nossa pequenez: somos chamados

a uma enorme missão, mas não a podemos levar para a frente sozinhos. É assim aquele que é humilde: consciente que sozinho não se pode salvar e que só n'Ele, por Ele e com Ele pode realizar aquilo que é chamado a ser: filho de Deus. Por isto é que os humildes rezam sempre, continuamente!

Este centurião, homem de grande fé, conhece a sua realidade. É humilde não porque

se diminui, mas porque tem consciência da sua verdade. Porque é humilde, pode pedir ao Senhor que cure o seu servo. Porque é humilde, pode aproximar-se do Senhor e porque tem em si a nova «justa medida», que é a medida de Cristo, ele pode ser para nós exemplo daquilo que dizia S. Gregório de Nissa: «a humildade é a descida em direção ao Alto».

## **Seg, 30** – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

2 Ped 1, 2-7 / Slm 90 (91), 1-2.14-16 / Mc 12, 1-12

*Mas tiveram receio... (Evang.)*

Os fariseus tinham medo de Jesus, tinham medo da multidão, tinham medo uns dos outros, tinham medo de toda a gente que lhes pudesse tirar a felicidade. Porque eles queriam que a sua felicidade viesse dos homens: da submissão dos homens aos seus interesses. Ora isto nunca dá a felicidade porque nós somos a imagem e semelhança de Deus. O nosso desejo de felicidade é infinito e só é completo por alguém infinito. E ou procuramos a felicidade dentro de nós ou ela será sempre curta.

## **Ter, 31** – VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA (Festa)

Sof 3, 14-18 ou Rom 12, 9-16b / Is 12, 2-4bcd.5-6 / Lc 1, 39-56

*Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses. (Evang.)*

É tradição dizer-se que Maria foi ajudar Santa Isabel. Parece-me isso natural, mas também que tenha ido descansar, desabafar e pedir conselho junto de uma prima mais velha que também estava grávida e que era versada nos assuntos de Deus. Maria estava a viver uma tempestade espiritual e humana. Rezemos por todos os que não têm um ombro amigo. E sejamos esse ombro, e não só para quem gostamos.